

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO:
NARRATIVAS DE UM "EU" SOBRE O "OUTRO": A FIGURA DO
ÍNDIO E A PRODUÇÃO HISTÓRICA DAS SUBJETIVIDADES
LEGITIMADORAS DA DIFERENÇA.

RENATA SONALI DE ALBUQUERQUE ALVES CARVALHO.

CAMPINA GRANDE, PB.
02 DE DEZEMBRO DE 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO:
NARRATIVAS DE UM “EU” SOBRE O “OUTRO”: A FIGURA DO
ÍNDIO E A PRODUÇÃO HISTÓRICA DAS SUBJETIVIDADES
LEGITIMADORAS DA DIFERENÇA.

RENATA SONALI DE ALBUQUERQUE ALVES CARVALHO.
ORIENTANDA

ERONIDES CAMARA DONATO
ORIENTADORA

Campina Grande, 02 de Dezembro de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ORIENTADORA: ERONIDES CAMARA DONATO – UFCG

ORIENTANDA: RENATA SONALI DE A. ALVES CARVALHO

BANCA EXAMINADORA:

SANDRA LIA – UFCG.

SILÊDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI – UFCG



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO -----	06
2.JUSTIFICATIVA -----	10
3.CAPÍTULO - I: NARRATIVAS DE UM “EU” SOBRE O “OUTRO”: A FIGURA DO ÍNDIO E A PRODUÇÃO HISTÓRICA DAS SUBJETIVIDADES LEGITIMADORAS DA DIFERENÇA. -----	14
4.CAPITULO II – LIVRO DIDÁTICO: UM DISCURSO DE PODER? -----	21
5.CAPITULO III – IMAGENS DA FIGURA DO ÍNDIO NAS NARRATIVAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. -----	29
6.CONCLUSÃO -----	35
7.BIBLIOGRAFIA GERAL -----	36
8. ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Dentre os temas mais discutidos na academia está o da igualdade e o da diferença. Nos discursos, sejam eles políticos, ou aqueles que se empenham em campanhas da fraternidade, sobre as minorias exploradas, desprezadas, discriminadas, o tema da igualdade aparece sempre como lema, como eixo, como sentido reivindicatório das suas próprias vidas. Lutar pela igualdade política, social, de expressão e inúmeras outras, são direitos assegurados pela lei para o exercício da cidadania.

O tema da igualdade, como sabemos não é recente, na história, esse conceito aparece nas metanarrativas da Revolução Francesa com o lema: Igualdade, Fraternidade e Liberdade. Desde desse tempo essas ‘palavras mágicas’ que despertavam os mais louvados sonhos entre aqueles que ansiavam melhorar a sua sacrificada vida, surgiam camufladas, dispostas a encobrir as diferenças; elas só apresentavam sentidos para aqueles que defendiam um modelo de saber, como Foucault chama atenção. As diferenças sociais, segundo esta forma de saber, eram necessárias para a manutenção das hierarquias e para o bom funcionamento da sociedade. Daí surgem vários teóricos sociais interessados em proferir discursos que justificasse a necessidade da existência da diferença, do menor. O tema da igualdade parece nascer juntamente com seu antônimo a diferença, e assim percebemos que, um parece não existir sem a presença do outro. Dessa forma, pretendo nesse trabalho de final de curso, analisar como a identidade do índio foi ao longo do período histórico, produzida como diferente, como anormal em meio a tantos discursos de igualdade proliferados pela sociedade dita moderna. Identidade, entendida aqui, não como a essência, como a origem, mas como diria Hall, identidade como posicionamentos no mundo (HALL,1996: 70), que se refere aos discursos e as práticas discursivas que dizem nosso lugar com relação ao outro, e o lugar que construímos e nos qual nos inserimos

Este trabalho, portanto, intitula-se: Narrativas de um “EU” sobre o “OUTRO”: A figura do índio e a produção histórica das subjetividades legitimadoras da diferença. No qual procuro investigar através do livro didático as intencionalidades e significados do discurso sobre a figura do índio, observando como ao longo do processo histórico, esse sujeito foi alvo de produções discursivas que procuravam construir identidades de sujeito que o legitimava como diferente, como anormal. Portanto esse trabalho de pesquisa pode

ser classificado tanto como um trabalho que abrange o campo da História como o da Educação.

Com relação as fontes é interessante, antes de tudo, pensarmos a seguinte questão: Desde o século XIX com a emergência das correntes teóricas e ideológicas, como por exemplo, positivismo e o evolucionismo, a ciência tem sido enfatizada, valorizada, a “senhora do mundo”. As pesquisas só tinham ou tem fundamento se comprovada, passada pelos ditames dessa ciência dita moderna e, mais, tudo teria que seguir uma ordem cronológica: de fatos, de pensamentos, de comportamentos. Ocorrendo o contrário à pesquisa não seria legitimada pela Academia. Como nós sabemos, surgiu uma nova forma de pensar a vida, os costumes, o homem, a história, enfim, as chamadas ciências sociais e até mesmo as exatas com a teoria da Relatividade; essa nova forma de pensar, passa a ser nomeada de pós-modernidade ou de pós-estruturalismo. Ela viria questionar, problematizar, os postulados colocados por essa ciência que generaliza o diferente, que singulariza o que é múltiplo e assim por diante. Dessa forma, não entendo as fontes como discursos, ‘prontos’, naturais, como verdades únicas e possíveis de ler a “realidade” mas, que foram produzidas, elaboradas a partir de uma forma de ver e de estar no mundo, a partir de códigos de sociabilidade e moralidade, a partir das redes de poder e saber circulantes na nossa sociedade. Essas fontes, por sua vez, são discursos interessados e passíveis de desconstrução, são narrativas compostas de inúmeras verdades, de variadas versões. É dessa forma, que a História é construída. Ao longo da pesquisa utilizei-me de fontes denominadas secundárias, tanto teóricas, a exemplo de Vera Regina Veiga França e Foucault que me ajudaram a pensar a idéia da diferença e das subjetividades, como as de cunho historiográfico, a exemplo de Jean de Léry e Janice Theodoro onde analisei respectivamente as nomeações dadas para a figura do índio, e a questão do imaginário europeu a respeito da América. Salientando que essa bibliografia entra como fonte porque estou interessada em fazer um trabalho arqueológico e genealógico inspirada em Foucault que permite em primeiro lugar perceber as relações de força que atravessaram os discursos que instituíram o “índio” como o “outro” na sociedade, e em segundo, possibilita percebê-lo na dimensão das práticas discursivas que no mesmo movimento que o inserem na História, simultaneamente o recortam, o classificam, o definem e o excluem da Cultura e da Sociedade.

É interessante ainda explicar alguns dos conceitos utilizados por mim ao longo da Monografia, são eles: Formação discursiva que se significa na leitura de Foucault regularidade e similitude das regras de produção de discurso. Neste trabalho uso esse conceito, por exemplo, no primeiro capítulo quando aponto as estreitas relações entre a forma como os cronistas pensavam e definiam o “índio”¹. Dizibilidade e visibilidade que se significa na leitura de Deleuze um arquivo de imagens e enunciados que se instituem como reais, verdadeiros na Sociedade e o conceito de identidade que significa “uma construção simbólica e imaginada, formada a partir da tessitura de um lugar para si e do reconhecimento de diferenças no Outro”².

No que se refere ao aspecto teórico – metodológico, como já deu para perceber, segui a corrente pós – estruturalista, ^{mais} mas especificamente, o filósofo Foucault com a sua metodologia de estudo dos discursos, e dos contemporâneos: Jorge Larrosa e Alfredo Veiga Neto. Já que estou interessada em analisar a produção discursiva sobre a figura do índio, ou seja, as identidades, as subjetividades elaboradas ^{no} ao decorrer da história para este sujeito que o legitimaram como um ser inferior, diferente, feio, exótico, digno de pena. Dessa forma, a escolha dessa linha teórica não se deu de forma aleatória, mas porque acredito que ela conseguia responder todas as minhas proposições, e deu o sentido e direcionamento que eu queria para o meu trabalho.

Nesta pesquisa fiz o seguinte movimento: estudei os discursos produzidos no século XVI de cronistas como Jean de Lery, Pero Vaz de Caminha e Jean Baptiste Debret e analisei as imagens mais recorrentes sobre os nomeados índios. Depois fui para outra formação discursiva que se dava em um momento de construção da identidade brasileira, foram os chamados Românticos brasileiros que produziram uma gama de discursos que mostravam uma certa exaltação da figura do índio. José Alencar faz parte dessa geração romântica indianista com as obras Iracema, O Guarani e Ubirajara. Analisei ainda os escritos de José Bonifácio em 1823 com as suas 44 propostas de tornar o “índio” um cidadão brasileiro e, recorri-me ainda aos livros didáticos para observar se esses discursos foram reproduzidos e de que forma se apresentavam. Por fim, analisei algumas narrativas

¹ Para a noção de formação discursiva ver: FOUCAULT, Michel, A Arqueologia do saber, Rio, Forense-Universidade, 1982.

² Noção de identidade retirada do texto: Quem é quem nessa História? Iconografia do Livro Didático dos autores Paulo Bernardo, Ricardo Fabrino e Sílvia Capanema Pereira In: Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

dos alunos do ensino fundamental, procurando observar quais as imagens foram subjetivadas pelos alunos com relação ao meu objeto de estudo: a figura do índio.

JUSTIFICATIVA

Durante a minha trajetória acadêmica, minhas leituras se restringiram mais ao campo da História, seja de qual linha de pensamento fosse: estruturalista ou pós-estruturalista. Alguns autores, filósofos, historiadores contribuíram não só para a elaboração do meu sujeito enquanto, professor, educador, mas, enquanto ser humano, mulher. Faço minha as lindas e poéticas palavras do grande filósofo Jorge Larrosa que dizia assim: “... E cada um tenta dar sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos que recebeu...” As leituras que abarcavam a questão pedagógica e metodológica só surgiu quase no término do curso com as cadeiras de Metodologia e Tópicos em Prática, até então, não se passava pela minha cabeça a necessidade de se interessar por leituras da área de Educação, mesmo a formação sendo em licenciatura. O interesse em fazer um trabalho de pesquisa nessa área surgiu após vários debates em sala de aula, cuja preocupação se dava com relação aos discursos que nós e os livros didáticos estavam construindo e reproduzindo nos nossos alunos.

Alguém poderia me perguntar sobre a escolha desse objeto de pesquisa, sobre o por quê da escolha do sujeito “índio”, e não de outros sujeitos como o negro, ou a mulher, ou o doente, por exemplo. O primeiro ponto que gostaria de ressaltar é que a figura do índio apresenta dentro do livro didático, principalmente em História do Brasil, uma certa significância que eu gostaria de saber e entender o por quê. Notei isso quando pretendi fazer um plano de aula na disciplina de Metodologia, onde a proposta era descartar a forma conteudista e optar por eixos temáticos. Meu eixo temático intitulava-se: As intencionalidades e significados do discurso sobre a figura do índio. Aqui eu enfatizava a produção de identidades e a idéia da diferença. Percebi que boa parte dos capítulos dos livros dos quais pesquisei se referiam a este sujeito histórico. O primeiro assunto abordado era: O “Índio brasileiro”, seguindo-se dos conteúdos: colonização, capitanias hereditárias, governo geral, atuação dos jesuítas, os ciclos econômicos (da cana, do gado, do ouro), e Entradas e Bandeiras. E dentro desses conteúdos encontrei os seguintes conceitos: ‘Bestiais criaturas’, ‘Seres desprovidos de alma’ e o ‘Bom selvagem’. A partir dessas nomeações pude não só problematizá-los como também trabalhar as seguintes questões: a visão de Caminha e o descobrimento do Brasil, a atuação da igreja católica na domesticação de seus

novos fiéis e a mão de obra indígena nas lavouras canavieiras e o massacre pelos Entradas e Bandeiras.

Analisando esses conceitos facilmente encontrados em alguns livros didáticos interrogava-me a partir de que momento ou lugar teriam surgidos. Recorri-me então, aos cronistas viajantes da época do Descobrimento do Brasil, essa seria a minha primeira pista.

Os chamados cronistas viajantes abarcaram na terra Brasilis por volta do século XVI, as narrativas sobre a nova colônia portuguesa invadiam toda a Europa, não apresentavam apenas descrições de ordem econômica, mas eram preenchidas por todo um imaginário, cheios de encantamentos, mitos e lendas. Os portugueses pareciam ainda viver no mundo fantástico da Idade Média. Existia uma confluência de relatos tidos como reais e fantasiosos. Eles chegaram aqui querendo alimentar as suas fantasias, confirmar sobre o que ouvira falar ou lera nas literaturas de viagem, e aqui parecia encontrar esses indícios de riquezas, exotismos, como: frutas, animais e um certo tipo de humanos que nomearam de índios. O que se percebe é que os cronistas viajantes reproduziam esses discursos historicamente construídos, e assim, preferiam dar lugar e assim confirmar o que leram ou ouviram a respeito. Entende-se portanto, que o ouvir era mais válido ou era mais importante do que o próprio ver. Em Descobrimentos e Colonização, a autora Janice Theodoro da Silva nos mostra:

“A América, mesmo antes de ser descoberta, fazia parte da ficção. A visão de um outro mundo muito distante e difícil de ser alcançado cristalizava-se com o passar dos anos, em imagens. O oceano era repleto de monstros e o paraíso exuberante...” (P.11).

Dessa forma, chegaram-se aqui viajantes com interesses dos mais variados, relatando sobre as possíveis riquezas a serem extraídas, exploradas e falavam ainda sobre a necessidade de levar o cristianismo aos infiéis da Terra de Santa Cruz como podemos verificar nos escritos de Caminha³:

³ Para ver esses fragmentos ver: PAES, José Paulo (org) - Grandes Cartas da História – Editora: Cultrix, São Paulo, 1968.

“... Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro...” (P.67).

“... Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim”.(P.81).

Ou quem sabe esses cronistas estavam ainda interessados em vender os seus relatos de caráter impressionista para os seus leitores europeus. E dessa forma percebe-se que o Brasil vai sendo construído sob o olhar dos viajantes e dos seus leitores fiéis. O mundo que descreviam parecia estabelecer duas realidades contrastantes: a do Eu da racionalidade e do Outro da irracionalidade e a medida que esse mundo era construído e representado ia - se demarcando essas diferenças e o desejo de concertar, “endireitar” o que possivelmente estava fora do lugar: a sua anormalidade, os costumes tão atrasados e pitorescos dos nativos brasileiros.

Com relação à escolha desse material, estudá-los e pesquisá-los foi outro desafio apaixonante, até então, não tinha tido oportunidade de trabalhar com esses tipos de fontes. É um material riquíssimo, podendo surgir outras pesquisas com as mais variadas temáticas, basta ter apenas criatividade e coragem já que estão empoeirados e esquecidos na biblioteca. A escolha pelos cronistas não foi em vão, a idéia de ler essas crônicas e cartas da época do descobrimento surgiu quando analisava os livros didáticos e percebi que todos procuravam narrar a história do Brasil a partir dos escritos e citações de Caminha, trata-os como se fossem o registro de nascimento do nosso país, como a pura representação da realidade do século XVI, sem descartar a possibilidade de que é um discurso interessado movido por todo um imaginário medievalista como já foi explicado acima. Percebi, no entanto que poderia fazer uma leitura diferente a respeito dos nossos nativos, mostrando, por exemplo, que as imagens que temos deles hoje é fruto de um longo processo histórico, de vários discursos do período dito moderno que elaborou e fixou a idéia do binômio: EU - superior e do OUTRO – inferior. Percebi ainda que com estes tipos de fontes eu poderia obter mais informações acerca das imagens elaboradas para a figura do índio e ser uma porta de entrada para responder as minhas questões.

Por fim, a justificativa desse trabalho se dá pelo amor à pesquisa, por saber que todas aquelas palavras que coloriram e ao mesmo tempo desordenaram o meu ser, de certa

forma, serviram para colocar em prática o que nesses cinco anos foram trabalhados nas disciplinas da graduação do curso de História. A monografia parece mais uma prova de fogo para os concluintes do curso, é nesse momento, muitas vezes doloroso que temos que provar para nós mesmos que algo ficou de verdade, que deu para aprender todas aquelas teorias que nos confundem a cabeça, que valeu a pena andar a pé, chorar pelas notas injustas, passar noites frias estudando para a prova do dia seguinte, ler textos chatos e pagar multas na biblioteca.

CAPÍTULO I:

Narrativas de um “EU” sobre o “OUTRO”: A figura do índio e a produção histórica das subjetividades legitimadoras da diferença.

“Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, (...). Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade etc. e para não sermos nos mesmos, bárbaros, hereges e mendigos”.(-P.124⁴).

É interessante pensarmos como historicamente os discursos vão construindo as figuras de sujeito, a nossa identidade, como a linguagem institui, fabrica significados e procura elaborar, e assim, fixar subjetividades, uma exigência da modernidade, onde as pessoas têm que apresentar uma identidade única, homogênea e definida, nada de ser confuso e duvidoso. Ela nos instiga ainda a saber quem somos, a que sexo pertencemos, nascendo por parte das pessoas o desejo de elaborar a sua subjetividade, que se dá a partir de um alter-ego, ou seja, a partir da imagem do outro. Esse outro é utilizado para reafirmar a normalidade de quem olha e a anormalidade de quem é olhado. O outro é o diferente e por isso se justifica a sua inferioridade e o não acesso à sociabilidade perfeita e dos perfeitos da modernidade.

Se voltarmos para o século XIX vamos encontrar uma gama de discursos que vão contribuir para o agravamento da idéia da diferença. Pensadores ditos modernos como Hegel (a dialética), Rousseau e Montaigne (Teoria do Bom Selvagem), são alguns dos exemplos que colaboraram para que a fenda da desigualdade e da diferença aumentasse. Muitas dessas teorias que por um momento pensava resolver o problema da diferença, a exemplo da dialética de Hegel, fez o efeito inverso. Hegel defendia além de outras coisas, a centralidade da Europa esta por ser, segundo ele, a Razão do Mundo, onde se desenvolveu a filosofia. Para ele, o individuo só se torna sujeito a

⁴ DUSCHATZKY, Silvia – SKLIAR, Carlos: O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação . IN: Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença / Jorge Larrosa e Carlos Skliar (orgs) – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

partir do outro, a partir do reconhecimento pelo outro, e esse outro, por sua vez, seria o menor, o inferior, o feio, o anormal. É interessante ainda salientar que muitas dessas teorias foram utilizadas como armas pelos grupos de poder para legitimar não só seus discursos sobre a diferença, mas, para legitimar o seu próprio poder.

O que se percebe é que essa criação de conceitos e teorias vão reproduzir uma dizibilidade e uma visibilidade que marca e que fazem as pessoas incorporar esses discursos como algo dado e não como um problema histórico, como algo natural e não como algo a ser problematizado.

É no século XVI, acredito, que se inicia essa formação discursiva sobre o “índio”. Os primeiros viajantes e cronistas que aqui aportaram, encantados com a terra chamada Brasilis, descrevia seus habitantes numa mistura de mistério, de encantamento, de estranhamento e de superioridade. Vários são os relatos que demonstram essa ambigüidade: O “índio” era um ser bonito, porém, selvagem. A exemplo disso, podemos citar um dos cronistas da época, o francês Jean de Lery⁵, enviado para essa terra para registrar, descrever, fazer anotações sobre o que viu e presenciou segundo ele, no dia 26 de fevereiro de 1557 às 8 horas. Lery um simples estudioso de teologia teria vindo à terra de Santa Cruz para observar a vida e os costumes dos nossos nativos, chamados de Tupinambás, ele teria que repassar informações detalhadas para seu mestre Calvino talvez, no mesmo intuito que a igreja católica, ou seja, a catequização. Em seus escritos constavam assim:

“... como eram os primeiros selvagens que eu via de perto, é natural que os observasse atentamente e embora os descreva minuciosamente noutra lugar, quero desde já dizer alguma coisa a seu respeito. Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus como ao saírem do ventre materno mas para parecer mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto...” (P.68).

Interessante ainda são as imagens e anotações feita pelo artista francês Jean Baptiste Debret, contratado por D.João VI para aqui junto com os outros fundarem uma academia de Belas-Artes. Seus escritos diziam o seguinte:

⁵ LERY Jean – Viagem à terra do Brasil, 4ª ed. Editora Martins, São Paulo, 1967.

*“Em resumo, tudo o que o espírito humano concebeu como idéias filosóficas elevadas, admiráveis ou mesmo estranhas, encontra-se em princípio e em germe, no índio selvagem, com sua aplicação determinada apenas pelos impulsos do instinto ou da inspiração. É, em uma palavra, o homem da natureza, com seus meios em face do homem da civilização, armado com todos os recursos da ciência”.*⁶

(P.12-13)

Aqui Debret deixa claramente que o homem da civilização é o superior, ele tem o respaldo da ciência, do saber racional em detrimento do “índio” um atrasado intelectualmente. Dessa forma, não há de se negar à importância dessas narrativas para a História e para a própria elaboração da história do país, o problema consiste no teor, no olhar preconceituoso com o qual foram construídas essas narrativas, que ao longo dos anos, foram se tornando uma verdade histórica incontestada. A própria postura filosófica da corrente Positivista dar sustentabilidade para isso. Segundo suas idéias nós tínhamos que se comportar como verdadeiros cientistas de laboratório: pesquisar, analisar e acima de tudo comprovar e não interferir ao lidar com os documentos de época. Dessa forma, o Filósofo, o Historiador tinha que ter uma postura neutra, pois essas “raridades históricas” expressavam a realidade e a verdade de um tempo. E portanto, são essas formas de ver e dizer o nosso nativo que vão ser encontradas e reproduzidas ainda hoje nos nossos livros didáticos onde, em sua grande maioria, a própria denominação índio não é problematizada, sem falar das Ilustrações neles, facilmente encontradas. A exemplo disso, verificando no dicionário da língua portuguesa, conceitos como: índio, silvícola, selvagem, bárbaro e aborígene vamos constatar alguns pontos interessantes não questionados ou problematizados nos livros didáticos. Primeiro: dentro das normas gramaticais, apenas o conceito índio classifica-se como um substantivo, os outros restantes são classificados como adjetivos embora, apresentem o mesmo significado. Vejamos abaixo:

- Índio – é um silvícola ou bugre;
- Silvícola – que nasce ou vive nas selvas ou matas. Selvagem, aborígene;

⁶ DEBRET, JEAN Baptiste – Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil – Tomo I; Volume I e II, 4ª ed. Editora Martins, São Paulo, 1967.

- Selvagem – das selvas, ou próprio delas; habitante das selvas; inculto, agreste, bravio, bárbaro, bruto, pessoa grosseira, pessoas sem convivência ou quem vive nas selvas.
- Bárbaro – sem civilização, rude, inculto.
- Aborígene – oriundo do país em que vive, nativo de uma região.

Segundo: analisando esses conceitos, percebemos que um conceito leva ao outro, o “índio” é classificado como um ser material, de existência própria e os outros viriam para complementar o que não está tão definido no dicionário. A este signo⁷ são dadas formas, significações, parece lhe dar vida, sentidos que nós normalmente convivemos sem nenhum questionamento. Nós poderemos perceber que esses conceitos foram reinventados em um momento de construção política e social do Brasil e que ao passar dos anos foram sendo subjetivados e fixados na sociedade brasileira.

Em três momentos históricos do Brasil colônia é verificada três imagens da figura do índio, totalmente depreciativas: a primeira a dos “Bestiais Criaturas”, visão de Caminha ao primeiro contato com os nativos da colônia portuguesa; a segunda imagem verificada é a dos “Seres desprovidos de alma”, momento da catequização e domesticação desses sujeitos pelos jesuítas; e por fim, temos uma visão dicotômica, a do “Bom Selvagem”, o índio foi considerado bom para trabalhar nas lavouras canavieiras e selvagem para justificar o grande massacre ocasionado pelos Entradas e Bandeiras.

No ano de 1823, um ano após a independência do Brasil, um dos que contribuíram para esse evento José Bonifácio de Andrada e Silva propõe dois projetos de lei: um sobre a integração dos chamados índios na sociedade brasileira e, o outro sobre a abolição da escravatura e emancipação gradual dos escravos. Dois projetos ousados para seu tempo que ameaçava os que ainda lutavam por uma sociedade classista, estamental e ‘zelosa’ pelos “bons costumes sociais e morais” levando o chefe da nação brasileira, D.Pedro I a fechar a Assembléia Geral Constituinte.

O título desse primeiro projeto que é o que nos interessa nesse trabalho era: APONTAMENTOS PARA A CIVILIZAÇÃO DOS ÍNDIOS BRAVOS DO IMPÉRIO DO BRASIL. Aqui ele apresenta métodos, propostas de civilizar o “índio” para logo em seguida

⁷ Estamos nos referindo a virada da lingüística, no qual, define a linguagem como constituição de signos, significados e significantes. Ver em: CARVALHO, Castelar de – Para Compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica, Petrópolis, R.J:Vozes, 2000.

incluí-lo socialmente na construção do novo país. Ao analisar seus discursos percebemos que José Bonifácio ainda estava preso aos “valores estabelecidos, europeizada, branca, pré-capitalista” da sociedade de seu tempo. Como podemos ver nos escritos abaixo:

“o homem em estado selvático, e mormente o índio bravo do Brasil, deve ser preguiçoso/ Tem sim, uma razão sem exercício, pouco treinada, é falta de uma razão apurada, falta de precaução por não se preocupar mais senão com sua conservação física/ É como animal silvestre seu companheiro” (P.83).⁸

José Bonifácio embora apresentasse essa proposta falando da participação social do “índio” na construção do país, apostando na possibilidade de civilização desses “avícolas”, porém menos brutal acreditava do que a catequização feita pelos jesuítas, ele demonstrava uma grande preocupação em aproveitar essa farta mão de obra disponível, em um país que começava a engatinhar com suas próprias pernas, em um momento sacudido pelas propostas positivistas de “Ordem e Progresso”, de levar o nosso país recém independente à industrialização. O nosso caro deputado parecia se incomodar com o ritmo de vida levado pelos nativos, parecia querer mudar o seu sentido com relação ao trabalho e assim os seus costumes e a sua cultura. Abaixo José Bonifácio expressa esse seu desejo de que o “índio” possa contribuir para o crescimento econômico do Brasil:

“... com a participação, formar-se-iam aldeias, aumentaria a agricultura com gêneros de primeira necessidade, cresceria a criação de gado, equilibrar-se-iam o cultivo e o fabrico de açúcar”.(P.85-6⁹).

Dentre as 44 propostas para essa “civilização do índio” estava: A) Estabelecer um “comercio recíproco entre eles e nós para que comecem também a conhecer o meu e o teu”. B) Propõe a criação de um colégio missionário para a catequização, e instruí-los na língua geral, ou guarani. C) Orienta para que os “índios devessem se vestir melhor, ter suas casas mais cuidadas e se vacinar”. D)Ter cargos administrativos e seguir a carreira eclesiástica, etc. Como vimos,

⁸ MOTA, Carlos Guilherme – José Bonifácio – Projetos para o Brasil . IN: Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico – Lourenço Dantas Mota (org) – 3ª ed.São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

⁹ IBDEM.

embora José Bonifácio apresentasse um projeto audacioso como esse aos grupos de poder da época, ele mesmo não conseguia fugir dos estereótipos já consagrados à figura do índio, sempre quando se refere em seus escritos a este sujeito nomeia-o de bravo de selvagem e até de preguiçoso.

Já no período romântico brasileiro, século XIX, surge outra construção imagética para a figura do índio, dessa vez, há uma tentativa de elevá-lo ao status de herói nacional, era uma necessidade desse momento de busca e legitimação de uma identidade puramente brasileira e o nomeado índio foi o escolhido para representar essa brasilidade. Mas esse sujeito histórico é bom ressaltar, é descrito com traços europeus, ele é “branqueado”, a cor que simboliza a superioridade, dessa forma, não poderia ser nem o negro, nem o mestiço, considerados os “degeneradores” da raça brasileira.

Nas obras: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874), do autor José de Alencar (o representante da prosa romântica no Brasil), a figura do índio aparece sempre com dotes de valentia, nobreza, coragem, bondade e beleza, atributos que deveriam existir no homem brasileiro, mas não despreza a “natureza” do continente, o meio natural do qual vive e compartilha com os outros animais. Nessas obras ele “ênfatiza a integração e a perfeita harmonia entre o selvagem e esse espaço”¹⁰. Idealiza seus personagens e a terra nativa antes da chegada do “homem branco”, mostrando ainda, o choque entre o selvagem brasileiro e o homem europeu. O que se percebe é que embora tenha a pretensão de criar a imagem de uma raça heróica que representasse as origens do brasileiro, Alencar assim como os outros de sua geração, não consegue se desprender das regras discursivas sobre a figura do índio que o legitimava como bárbaro, como selvagem. Abaixo o autor nos dar uma amostra sobre a sua invenção imagética para o sujeito histórico em questão: o “índio”:

“- Peri é um selvagem, filho das florestas; nasceu no deserto, no meio das cobras, elas conhecem Peri e o respeitam”. (O Guarani - 125-6).

¹⁰ FARACO, Carlos Emílio – MOURA, Francisco Marto – Língua e Literatura, Volume:II, 39ª ed. Editora ática, 1997; P.59.

“-Peri só, defenderá sua senhora: Não precisa de ninguém. É forte; tem como andorinha as asas de sua flecha; como a cascavel o veneno das setas; como o tigre a força de seu braço, como a ema a velocidade de sua carreira”. (idem).

O que se verifica, portanto, na maioria dos livros didáticos é a reprodução desses discursos seria interessante olharmos se os autores, os intelectuais do qual tem a ciência como um dispositivo de saber e poder legitimadora de seus discursos, constrói as suas narrativas, se fixam subjetividades e se não estão a partir dos textos e ilustrações contribuindo para reforçar a diferença; (É o que pretendo fazer, por exemplo, no segundo capítulo desta monografia). Dessa forma cabe a nós ao encontrarmos essas “falhas” explicar aos nossos alunos que a diferença é um problema histórico que aquelas figuras e palavras ali presentes nos dar uma amostra de como a figura índio foi recebendo essas identidades que explicam a sua situação de um ser a margem da sociedade por ser classificado como anormal e diferente fugindo dos padrões de normalidade imposta pela sociedade dita moderna. E por fim, é interessante construirmos novos discursos que venham a desmoronar, a deflagrar essas narrativas que justificam um “eu” superior sobre um “outro” inferior, e que nós não precisemos mais ouvir uma Rita Lee cantando:

*“Se Deus quiser/ Um dia eu quero ser índio /
Viver pelado pintado de verde/ Num eterno
Domingo/ Ser um Bicho-Preguiça/ Espantar
Turista/ E tomar banho de sol/ Banho de sol/ Banho de sol/ Sol.”*

CAPÍTULO: 2

Livro Didático: Um discurso de poder?

Um dos instrumentos essenciais para o processo educativo, segundo a escola, é sem dúvida o livro didático, é nesse artefato cultural que os estudantes têm uma noção do que será trabalhado durante o ano letivo; é nele que o aluno poderá consultar o assunto ministrado pela professora e assim tirar suas dúvidas, fazer os exercícios para “praticar” ou memorizar o conteúdo. Faz necessário perceber que ele é construído a partir de outros livros, que ele faz parte de uma formação discursiva, de uma similaridade de pensamento entre o autor e outros pensadores teóricos. Ele possui uma fala instituída, autorizada tomada como verdadeira, transmitindo um discurso muitas vezes coerente e competente, chega a ser considerado, encarado como o depositário de um saber “legítimo” abrindo poucas brechas para algum tipo de questionamento ou discussão. Tomando como base nisso, pretendo neste capítulo analisar, de que forma esses livros que se apoderam desses discursos legitimados pelo saber científico procuram construir identidades, e por fim, entender os lugares que foram construídos para a figura do índio e como se reproduz essas identidades.

Encontramos hoje, após 500 anos da nossa “descoberta” uma gama de discursos sobre a figura do índio, podemos encontrar não só trabalhos acadêmicos, pesquisas, peças como também letras de músicas. Grandes compositores da nossa MPB deixaram sua marca com relação a isto, a exemplo de Djavan, Caetano Veloso, Jorge Ben, Rita Lee e até mesmo Gabriel, O Pensador. Em geral, nessas composições o nosso nativo é produzido como um sujeito triste, inocente que foi marcado pela imposição de uma civilização branca exterminadora, como um sujeito que desfruta de liberdade e que não é submetido a leis do Estado ou se apresenta ainda como um sujeito preguiçoso. Reportei-me a essa questão, porque presenciamos em alguns livros didáticos trechos de músicas, na maioria das vezes, desses autores aí citados, servindo de ilustração para o assunto trabalhado. Assim como as imagens, não observamos na sua grande maioria nenhum questionamento ou problematização, estão ali servindo de ligação com a narrativa construída pelo autor, servindo de amarração de modo a produzir um discurso coerente e convincente. Cito ainda as músicas, embora eu não vá explorá-las aqui, porque esse recurso se mostra como um

forte dispositivo de poder, a medida que são inúmeras vezes repetidas, deixando uma grande carga de significados e sentidos que são facilmente circulados na sociedade legitimando o “índio”, como um ser inferior; como o “outro” da sociedade, como o “outro” da História e assim sucessivamente.

Para essa análise optei por seguir uma certa ordem cronológica, pesquisei em livros das décadas de 70, 90 e 2000 cujo objetivo seria analisar se houve ou não mudanças nas formas de dizer e ver o “índio” brasileiro ao longo desses anos. Vale salientar que o livro da década de 80 também foi pesquisado mas, não vai ser explorado aqui, pois foi utilizado para a elaboração do capítulo anterior, basta apenas dizer que, sua narrativa é construída a partir da luta de classes apoiando-se assim no pensamento Marxista e que a figura do índio passa a ser construída a partir do discurso da alteridade, assemelhando-se com as narrativas do livro: História Fundamental do Brasil – Estudo Dirigido e Pesquisa”, logo abaixo discutido.

Portanto, o primeiro livro didático a ser analisado é História Fundamental do Brasil das autoras Lage e Moraes, edição 1971; Em seus discursos a presença das correntes filosóficas da Antropologia e do Positivismo são muito fortes, sempre se remete a comparativos e classificações das raças, línguas e culturas. Podemos entender isso a partir do próprio conceito de Antropologia: “É a ciência que se dedica ao estudo das características físicas e da cultura das comunidades humanas nas diferentes épocas e lugares em que vivem ou viveram”¹¹. Os antropólogos analisam essas culturas que eles chamam de humanas partindo da busca da origem, tentam prová-las e saem nomeando e classificando as suas práticas de acordo com o seu desenvolvimento intelecto – social. É mais ou menos o que pensa Andrew Lang, Antropólogo, quando diz: “...E a ‘cultura’ em sua acepção antropológica que deve ser o objeto precípua de indagação, quer se trate da cultura do homem chamado ‘primitivo’, quer se trate da sobrevivência desse traço nas sociedades mais adiantadas, quer se trate das próprias culturas mais complexas de povos civilizados.”¹².

¹¹ Definição retirada do livro didático: Brasil História e Sociedade do autor Francisco Teixeira da Editora Ática, 2000. P.26.

¹² Ver em Estudos de Folk-lore – definição e limites – Teoria de Interpretação, Arthur Ramos, 2ª revista, Rio de Janeiro. P122.

Nas narrativas desse livro encontramos ainda o estudioso francês Paul Rivet, considerado celebre por ter elaborado as hipóteses ultimamente mais aceitas sobre a origem do “índio” americano. Ele aparece para confirmar, legitimar pensamento delas, pois também compartilha das idéias de cultura superior e inferior. As autoras iniciam sua narrativa expondo justamente a teoria de Rivet, ou seja, expondo as possíveis correntes migratórias que viriam povoar o Continente Americano: a corrente migratória asiática, australiana e melanésica. Percebe-se ainda uma certa influência Iluminista que leva as autoras a procurarem classificar os povos indígenas segundo o seu grau de desenvolvimento cultural, ou seja, para elas, existiriam povos de cultura inferior, de cultura média e de cultura superior. Por sua vez, o “índio” brasileiro estaria na classificação dos grupos de menor desenvolvimento, pois ainda vivia da coleta de frutos, da caça a animais e vivia num modo de “organização social simples”. O que se percebe é que essa forma de pensar é uma das que predominam nos discursos circulantes na sociedade. No próximo capítulo quando analiso as narrativas elaboradas pelos alunos, percebemos dentre outras coisas, que o modo de vivência da figura indígena: a caça, a coleta, a moradia é um discurso recorrente entre esses alunos e que de acordo com eles são fatores que os diferenciam de nós da sociedade dita moderna, são fatores que fazem dos nossos nativos serem “quase iguais a nós” da cidade, do mundo industrializado.

O segundo capítulo do livro, intitulado: As origens do Brasil, a carta de Caminha vem para testificar que o Brasil nasceu a partir dali, do Descobrimento dessas terras pelos “brancos”, europeus. Isso demonstra o posicionamento delas com relação a esses documentos de época que é o de não questionamento dessas fontes, e portanto, o de não interferência pois elas seriam a representação do real, as fontes seria o testemunho, a comprovação de quem teria fundado a sociedade brasileira. Dessa forma, elas reproduzem e legitimam um discurso dos grupos de poder, no caso a do Europeu e das antigas ‘elites’ preocupada em construir um mito fundador para o Brasil. O EU aqui teria realizado um grande feito: Descobrir as Américas onde seria propagado o seu EUrocêntrismo, onde todos os corpos teriam que obedecer, se enquadrar em um modelo pautado na racionalidade ocidental, e em uma série de mecanismos formadores de comportamento. Abaixo elas dizem:

“...Esse é o documento mais importante da descoberta, pois é a própria Carta escrita por Cabral ao Rei D. Manuel...” P.56.

Quando se refere a Instituição da Igreja, falam sobre a sua grande contribuição, o seu importante papel na colônia. Os jesuítas enviados a essa terra teriam sido os responsáveis pela moralização dos costumes, pela difusão do catolicismo e pelo ensino da língua portuguesa e ainda dizem:

“A catequese dos índios constituíam uma tarefa árdua e os padres lutavam com toda sorte de dificuldades...”

E quanto à discussão entre o contato e a convivência entre “brancos” e “índios”, elas colocam a seguinte afirmação:

“Sendo o português elemento dominador e portador de uma cultura superior, foi natural que nossos hábitos e costumes fossem profundamente marcados por sua influência.”

Analisando a narrativa construída pela autora percebemos como os discursos da ciência antropológica e positivista contribuíram não só para a fabricação de novos lugares, mas também, para a fabricação de novas identidades para o nosso nativo. O livro nos mostra claramente como a idéia de alteridade está presente em seus discursos e enunciados. Os conceitos são sempre colocados um em contraposição ao outro: o melhor sobre o pior, o mais avançado sobre o mais atrasado e isso reflete na exclusão do considerado inferior e a valorização e permanência do superior na História das sociedades. Dessa forma, notamos que a figura do índio aparece nessas narrativas como simples figurante, os brancos por sua vez, aparecem como os protagonistas da História, afinal ‘eles trouxeram a civilização’ só não explica ou problematiza os custos para que isso ocorresse.

O segundo livro escolhido por mim foi o de Joel Rufino intitulado – Histórias, histórias, edição de 1992. Nessa narrativa o que mais me chamou atenção foram os conceitos utilizados pelo autor para nomear, representar o “índio”. Esse fato nos levar a crer

que o autor querendo ser cômico, querendo transformar o ensino de História mais atrativo, narrativo, termina por produzir significados a medida que nomeia o “índio” de pelado ou expõem imagens representando-o seja como um ser primitivo ou selvagem. Em vários momentos, via-se o autor se referindo a eles assim:

“...Que os pelados tinham ouro para trocar. Nada disso, a decepção foi enorme...” P.30.

“...Então não havia ricos entre aqueles pelados?” P.30.

Outra questão que merece nossa atenção é quando o autor se propõe a conflitar as imagens que cada sujeito histórico tinha em relação ao outro, ou seja, o branco em relação ao “índio” e vice versa. Prestemos atenção que ao “índio” é dada uma fala, um olhar, um lugar para julgar o seu diferente, o branco europeu; ao mesmo tempo em que é lhe dada uma voz imediatamente é emudecida, é calada, enfim, é tomado o seu próprio corpo, para dar lugar ao branco, a voz da razão, da civilização, a do Eu superior. A historiografia se encarregou de elaborar como se fosse a fala do “índio” e isso aparece nos livros didáticos como algo natural, como vamos presenciar agora. Vejamos primeiro, de acordo com o autor, a representação que o branco faz quando ver o “índio”:

“Não tinham vergonha das suas vergonhas” P.31.

Abaixo uma interpretação do branco sobre o olhar do “índio” ao ver o estrangeiro europeu :

“Este vestido, coberto dos pés a cabeça. Devem ter sentido imediatamente que estavam diante de uma gente muito poderosa” P.31.

Para legitimar essa sua interpretação de qual teria sido a sensação ou a primeira impressão que cada um teve ao se defrontar, o autor coloca uma figura mostrando o europeu com toda a pompa, bem vestido, armado e montado no seu cavalo demonstrando

poder e virilidade e o “índio”, no entanto, apenas com o seu arco e fecha, assustado ou impressionado com o que estava diante dos seus olhos. Nós temos a percepção de quanto as imagens fixam idéias, esta imagem colocada ali não ocasionalmente, veio para colaborar “com a criação e identificação de tipos uniformes e estereótipos que representam os sujeitos ou personagens históricos”¹³ veio confirmar a suas práticas discursivas de que o europeu era superior não só pelo poderio bélico, mas pelas suas práticas culturais.

Por fim, temos a análise do terceiro livro didático: Brasil História e Sociedade, de Francisco M.P.Teixeira edição: 2000. Este livro foi elaborado a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio, com todos os problemas que um livro didático apresenta percebe-se aqui uma forma diferente de olhar a História, questões historicamente naturalizadas, normatizadas passam a ter uma outra leitura, agora, problematizada e crítica dos fatos.

O primeiro capítulo: A Montagem da Colonização (séculos XVI e XVIII), como não poderia deixar de ser é aberto com a discussão sobre o confronto das duas culturas: a ‘cultura do branco’ e a ‘cultura do índio’. A primeira seria marcada pelo dinheiro, pelas relações mercantis e o cristianismo. A outra relação já seria com a natureza, o mito e a vida comunitária. E eram, segundo o autor, basicamente essas as diferenças que os separavam e nada mais. O primeiro questionamento aparece quando o autor se propõe a falar sobre o Descobrimento, para ele esse seria um conceito criado que revelava, que expressava uma visão eurocêntrica do acontecimento, pois já existiam populações residindo aqui quando os portugueses chegara em suas naus para a “conquista”, no entanto, esse descobrimento teria se dado duplamente pois, assim como o europeu, o nosso nativo teria encontrado gente que não conhecia e, os seus resultados foram extremamente desiguais tanto para um como para o outro. Embora eu não enxergue as desvantagens que os europeus tiveram em colonizar nossas terras.

No capítulo II: Os filhos da Terra, Francisco Teixeira faz um apanhado geral, vale salientar quantitativamente, sobre a população indígena atual do nosso território: cerca de 300 mil, constituindo 200 etnias com 170 línguas diferentes. Em um subtítulo: O passado de nossos índios, o autor faz o segundo questionamento, procura problematizar as imagens de inferioridade há muito construída para a figura do índio. Segundo ele, no século XX

¹³ Ibidem, p.7.

avançou-se muito em pesquisas sobre os povos indígenas brasileiros, tanto na Antropologia, como nas áreas de genética, geologia, lingüística “ampliando o nosso conhecimento e permitindo corrigir erros e preconceitos sobre essas populações chamadas por muitos de “primitivas” e consideradas “paradas no tempo” ou “em eterna infância”, incapazes de fazer História como colocava o historiador Francisco Adolfo Varnhagen. O autor coloca:

“...Tais pesquisas têm mostrado que, ao contrário da visão construída durante séculos de dominação, a palavra “índio” não representa uma realidade única, geral e uniforme. Por trás dela existe, na verdade, uma pluralidade de formas de organização/ Isso vale tanto para os hábitos alimentares e as relações familiares entre os índios quanto para a organização do trabalho e das festas nas aldeias e para a formação de suas crenças e mitos...” P.27.

Outro ponto que me chamou atenção foi a quantidade de textos extras que complementava a discussão colocada pelo o autor, textos estes, cuja finalidade ainda era levar o aluno ao questionamento como por exemplo o texto de Michel Montaigne – Os índios e a República de Platão, e um texto atual que fala sobre o assassinato de um Pataxó em Brasília. Encontramos ainda vários mapas que retratam os sítios arqueológicos e a distribuição dos povos indígenas no Brasil sem falar das imagens que retratam a arte indígena.

A partir dessas análises, podemos dizer primeiramente, que estes livros são narrados a partir de uma forma de ver e estar no mundo, os autores em geral, eles fazem parte de uma formação discursiva que contribui para essa forma de pensar, dizer e fabricar lugares para os personagens históricos como o branco e o índio. E assim, o livro vai se mostrando como um meio eficaz, assim como o autor e os alunos, para a produção de sentidos, para a produção de identidades que legitima o “EU” superior sobre o “OUTRO” inferior. Em suas narrativas,mas, precisamente o primeiro e o segundo livro, percebe-se que todos aqueles esteriótipos e agenciamento de imagens feitas pelos cronistas do século XVI que estiveram anotando o que por aqui viam, são reproduzidas mas, de uma forma astuta, silenciada meio que encoberta e contraditória. E seus discursos vão sendo tomados como a própria

representação do real, e assim são repassados como verdadeiros e sem brechas para algum tipo de questionamento, se mostrando como discursos de poder e também de saber. Dessa forma, vamos percebendo como o “corpo” indígena passa a ser uma superfície discursiva, abordado por todos os campos de saber científico que tentam aprisioná-los em seus discursos disciplinarizantes, que tentam moldá-lo a partir de códigos sociais e de conduta imposto pela sociedade, e muitas vezes, forçado a se encaixar nesses modelos de normalidade criados pelo saber racional, salientando que, o “índio” também é participante desse processo de fabricação de identidades. A segunda coisa a ser discutida é com relação a essa proposta implantada pelo governo dos novos padrões curriculares, percebe-se, portanto, a partir dessa amostra do terceiro livro que já é possível fazer uma nova forma de leitura dos fatos históricos, ainda não é perfeito mas, já é um bom começo para fazer as pessoas pensarem, problematizarem e a mudarem as suas próprias práticas que muitas vezes contribui para o aumento da fossa da desigualdade social.

No terceiro capítulo, mostrarei as imagens reproduzidas e subjetivadas pelos alunos para a figura do índio, entendendo que o aluno também participa dessa produção de identidades.

CAPÍTULO 3:

IMAGENS DA FIGURA DO ÍNDIO NAS NARRATIVAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Este capítulo fecha o que foi previamente sugerido. Dediquei-me nesta última parte a analisar as redações feitas por alunos da 8ª série do ensino fundamental, da Escola Estadual de Educação Infantil Fundamental e Médio Presidente João Pessoa, da cidade de Alagoa Nova localizado no Estado da Paraíba. Com a ajuda da professora de português, Verônica de Lima, foi sugerido aos alunos que fizessem uma redação que abordasse a temática do “índio”. Logo, logo chegaram os primeiros textos escritos em folhas de caderno. Pequenos textos, com desenhos de como concebiam a figura do índio e suas armas. A partir dali caberia a mim analisar como pensavam, imaginavam e mais, quais as imagens fixadas, normatizadas e subjetivadas em seus textos para com a identidade de “índio”.

Como já foi mencionada em capítulos anteriores, a figura do índio foi atravessada por discursos de poder e saber que os aprisionava, que os encastelava em imagens em enunciados dentro de um estoque de verdades não problematizadas ou questionadas. Essas representações que o legitimava como inferior, a exemplo de bárbaro e ou selvagem foram ao longo dos anos subjetivadas e vista como normais e naturais. A partir disso, entendo o processo de fabricação de identidades como algo que não ocorre sozinho, a partir de um único sujeito, acredito que exista uma interligação entre os que produzem discursos e aqueles que são sujeitados a esses mesmos discursos, por um lado, subjetivando-os, por outro, construindo outros lugares de afirmação. Podemos entender isso melhor na situação do “índio”. Como vimos no primeiro capítulo, houve toda uma produção historiográfica onde a figura do índio era vista como um sujeito que se revelava incapaz principalmente de pertencer a comunidade da razão, esse discurso foi sendo reproduzido, num movimento de intensas fabricações, emergindo novas falas e lugares ao longo da História. Assistimos televisão, filmes, ouvimos músicas, campanhas de preservação, lemos livros ou presenciamos alguém falando: são muito feios, nos causam medo, coitados e outras coisas

como vamos presenciar aqui na fala dos alunos, e no entanto, reproduzem esses discursos, como algo normal, natural e ainda presenciamos vez por outra, os próprios “índios” assumindo esses papéis de coitados ou do “outro” na sociedade. Com isso, podemos, ainda, problematizar aquele famoso slongan: “SOMOS TODOS BRASILEIROS” será que somos mesmos? O “somos” agregador ou na expressão e idéia de Vera Regina Veiga França o “NÓS”, permitir que nos reconheçamos todos como brasileiros, o que na verdade, aparece para encobrir as diferenças e os diferentes posicionamentos existentes na nossa sociedade. Se faz necessário perceber, que o “índio” ele mora no nosso país é considerado brasileiro mas, não pode ser julgado dentro das leis, pois, não é considerado cidadão civil, uma confusão e uma contradição dentro da própria Instituição do país, dessa forma, ele passa a ser visto como o estrangeiro, brasileiro. Isso é tão forte, que um bom número de pessoas mal sabem falar ou dizer algo sobre os nossos “índios” brasileiros a não ser reproduzir aquelas imagens estereotipadas, consagradas e homogêneas circuladas em nosso meio: eles moram no Amazonas, eles fazem rituais e etc. Não percebendo eles na sua singularidade.

Observando as narrativas desses alunos, e entendendo que eles também participam, assim como o livro didático da elaboração subjetiva para o “índio”, pude levantar algumas questões interessantes a serem aqui apresentadas, pude constatar certas contradições, dúvidas, confusões ao falar sobre o que sabiam do sujeito índio. Em praticamente todas as redações percebíamos que certos pontos se repetiam, era comum a todos, pareciam mais um discurso decorado. Geralmente começavam a redação esclarecendo que os nossos “índios” tinham sido os primeiros habitantes do Brasil, que já se encontravam aqui quando Pedro Álvares Cabral aportou suas caravelas em nosso grandioso território. Antes, afirmavam, a população indígena era milhões, hoje existem poucos. Nos seus textos não esquecem a data de Comemoração do dia do índio, 19 de Abril. Percebemos ainda a singularidade de pensamento quando se referem ao modo de sobrevivência deles: eles pescavam, colhiam frutos, caçavam e usavam armas como o arco e fecha, o tacape e a lança (uns colocam que eles usavam facões); e viviam em grupos formando as tribos. E um outro aspecto que me chamou atenção ao ler esses textos diz respeito à visão que eles têm do chefe da tribo que o denomina de pajé ou cacique. Eles vêm como um ser autoritário, como aquele que “mete carão”, ou ainda como na colocação desse aluno:

“...Eles tinham um chefe para mandar e desmandar neles, e eles eram dominados como os escravos mas, se libertaram e vivem como a gente...”

E um outro ponto bastante interessante, que parece chamar muita atenção dos alunos diz respeito ao corpo do índio, com relação a sua nudez. A maneira como o indígena se ‘apresentava’ com o seu corpo nu, pintado e enfeitado com as mais variadas bugigangas parecia incomodar, parecia não estar muito correto, muito normal com que acreditavam, aceitavam ou pensavam. Os “índios” pareciam estar em outra dimensão que com certeza não era o mundo da perfeita civilização ou o mundo das leis e dos bons costumes. Em outros momentos, pareciam querer demonstrar que eles eram “iguais a nossa sociedade” porém diferentes, e assim foram estabelecendo o que é verdadeiro, correto ou não, a partir dos seus referenciais de povo ‘civilizado’, normais, citadinos e urbanos. As próprias leituras com as quais tem contato ainda contribui para esse fato. E assim o nosso nativo passa a ser naturalizado como alguém estranho, feio, bárbaro, enfim, como um ser diferente por não se enquadrar na lógica capitalista e da racionalidade ocidental. Percebemos no entanto, que o corpo do “índio” foi ao longo da história escravizado, marcado por uma rede de discursos e imagens ou ainda como fala Gilles Deleuze por códigos de dizibilidade e visibilidade que contribuíram para essa formação de identidades de sujeito para índio. Abaixo coloquei várias passagens de textos que expressam essa visão de alteridade presente na mentalidade dos alunos. Em geral eles não chegam a chamar os “índios” de bárbaros mas em seus discursos deixam escapar essas respectivas visões:

“... seus costumes eram viver nus apesar de alguns tempos começarem a se vestir com roupas normais e até hoje alguns deles ainda se vestem de forma correta”.

“...Eles fazem, um trabalho excelente mas eles não se parecem muito bem com a gente. Por que eles se vestem diferente, se pintam (...) fazem coisas incríveis, eles furam o nariz, as orelhas e enfeitam o corpo inteiro”.

“...Eles se vestiam com a parte de baixo e a parte de cima ficava sem nada e na cabeça eles botavam umas penas...”

“...não gostam de se vestir, pintavam o corpo, não falam a nossa língua e matam pessoas para se alimentar, eram canibais”.

A partir dessas citações podemos tirar algumas discussões, a primeira e a mais evidente é o forte preconceito, os alunos falam da cultura do “índio” tendo como referência a cultura branca, ela serve para mostrar que nós somos civilizados, nós nos vestimos, nós falamos o português e o outro, o “índio” não, e por isso não podem ser iguais a nós. O que nos leva a problematizar a seguinte questão, como o pensamento ocidental, branco, cristão e hetero colaborou para essas formas de dizer e ver as culturas que não se encaixavam nesse padrão imposto por esse pensamento ocidental? Segundo Foucault¹⁴, nunca se falou tanto na questão do corpo, da sexualidade como no mundo moderno, o que veio acarretar uma maior manipulação, investigação e disciplinarização desses corpos. A igreja, o Estado, a ciência médica estiveram construindo padrões de normalidade dos quais tínhamos que pertencer, caso não, seria considerado anormal, necessitando porém, de métodos para cuidar, curar, concertar, o que estava doente, errado, etc. Levando ainda a olharmos o classificado como o anormal como o outro da sociedade. Esses discursos trouxeram uma carga muito grande de sentidos e significados que foram subjetivados e normalizados em nosso meio. O segundo ponto, é que a escola uma instituição de saber, ela não apresenta um currículo que venha a discutir a cultura do “índio”, não existe uma cultura de valorização, os professores na sua grande maioria não teve ou tem acesso à discussões que tratem a questão da diferença. E ao aluno cabe reproduzir o que muitas vezes aprendeu na escola, com os livros e a professora. Nessas citações eles subjetivaram que o “índio” é agressivo, é canibal e que a nossa cultura serve de padrão de normalidade.

Em alguns escritos os alunos pareciam confundir as imagens do índio brasileiro com a dos negros, habitantes da África. Pareciam tirar suas imagens a partir de filmes ou quem sabe de gravuras contidas em algum livro ou em algum lugar e, por isso, essa confusão ou total desconhecimento para com o “índio” brasileiro. Poderíamos ainda apostar

¹⁴ FOUCAULT, Michel – História da sexualidade I: A vontade de saber, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

na possibilidade de que as imagens que eles têm são aquelas cristalizadas e homogeneizantes de que todos “índios” falam a mesma língua se vestem iguais, apresentam os mesmos rituais, ou seja, não apresentam as suas singularidades, particularidades suas vivências próprias. E portanto, não conseguem perceber a multiplicidade abafada pela palavra ‘índio’ cabendo ao professor realizar essa ‘missão’ de problematizar questionar esses discursos e imagens que homogeneiza o que é plural, que iguala o que é diferente e, assim por diante. Vejamos alguns exemplos a seguir:

“...Pintavam o corpo com tinta e usavam no pescoço semente e dente de elefante”.

“...suas roupas são feitas de pele de onça que é um tipo de couro muito mais forte e bonito”.

“...os índios brasileiros são muito comuns, não são enfeitados com os outros que aparecem na tv..”

Por fim, outro aspecto encontrado nos escritos dos alunos diz respeito à morte da cultura do “índio”, falam que a modernidade e o homem branco teria sido os responsáveis pela destruição e corrupção dos costumes e tradições povo indígena. Nós seríamos um povo medíocre, cruel, desumano, que não respeitamos o outro (aqui eles se referem ao “índio”), que não protegemos aquele responsável pela formação do povo brasileiro, sangue do nosso sangue e por isso foram maltratados ao longo dos tempos. Outro aluno vai mais além e diz que, com o desenvolvimento chegaram as cidades e muitos não seguiram mais as culturas dos seus antepassados e vivem hoje ameaçados em seus territórios. Outro porém chega a ser mais otimista e diz:

“...a sociedade luta para que os costumes dos índios não mudem afinal: O índio é luta, índio e sobrevivência, índio é cultura é tradição.”

Nesse capítulo, tivemos uma pequena amostra de como pensa e se relaciona os alunos com essa temática discutida nessa monografia. Cada vez mais me convenço da grande responsabilidade da profissão que escolhi. Palavras não são só palavras elas saem e não voltam vazias, voltam cheias de significados, de preconceitos, de alteridade,mas podem voltar também com idéias novas, com resoluções de problemas, afinadas como alfinetes capazes de produzir algo diferente,cortante que quebre com aqueles discursos que estamos cansados de escutar: eu tolero, eu aceito, eu respeito porém não gosto, não quero. Nós que temos o dom da palavra, a manipulamos como ninguém, que temos a ciência a nosso favor para legitimar o que falamos, temos que ter muito zelo e cuidado ao reproduzirmos em sala de aula aos nossos alunos preconceitos historicamente construídos como essa trabalhada nessa monografia. Pudemos ver algumas imagens e discursos para com a figura do índio que foram agenciadas a partir de um lugar e com os mais variados interesses. Que prestemos mais atenção!

CONCLUSÃO

Como já foi comentado logo no início dessa monografia, a figura do índio é bastante recorrente e significativa entre os debates da historiografia, várias são as obras onde ele é citado, desde os primeiros cronistas viajantes, até aos nossos primeiros construtores da história do Brasil como Francisco Varnhagen, Oliveira Viana, e etc. Mas, essa significância em estar presente em várias obras e debates não quer dizer que houve uma política de valorização do “índio”, os românticos indianistas bem que tentaram, mas, a figura do índio que eles idealizaram era branqueado e ao mesmo tempo selvagem, e assim, apenas elaboraram uma nova identidade o que não melhorava a sua condição de o outro na sociedade apenas confirmava essa diferença. Percebemos portanto, que essa idéia do “índio” como, selvagem, incivilizado, como o outro na sociedade não é recente foi historicamente construída e subjetivada socialmente. Infelizmente, presenciamos os nossos alunos como também professores contribuindo para essas formas de ver e dizer o nosso “índio”. Infelizmente ainda, não saímos preparado pela academia para trabalhar com as diferenças, apenas uma ou duas cadeiras do final do curso nos dar oportunidade de discutir essas questões. Mas, acredito que possa haver mudanças nas formas de pensar e tratar os considerados diferentes, acredito que não seja abrindo vagas “especiais”, em Universidades com notas abaixo da média do branco, mas elaborando uma política igualitária que dê oportunidade a esses indivíduos de ter uma educação principalmente de nível superior não só ao “índio”, mas ao deficiente auditivo, visual etc. preparando professores e a estrutura da escola para recebê-los.

Por fim, espero que tenham entendido a minha proposta neste trabalho, que foi mostrar como ao longo da história o “índio” foi alvo de discursos de poder e saber que o legitimaram como um ser inferior na sociedade e na cultura, mostrar que ao mesmo tempo em que essa história se preocupou em lhe inserir na sua narrativa, terminou por outro lado por excluí-lo. Outra questão colocada aqui foi com relação aos livros didáticos, percebemos que ele é um importante artefato cultural onde a grande maioria reproduz esses discursos como reais e normais e a outra questão foi a respeito dos nossos alunos que procuraram representar o “índio” a partir dos padrões de civilidade elaborada pelo pensamento ocidental, o que nos mostra o quanto esses discursos foram subjetivados.

Bibliografia Geral:

ALENCAR, José de – O Guarani – Ed: São Paulo, Ática, 1992.

CAMPOS, Néelson e **HÉLIO**, Jorge – História do Brasil - Editora Lowes, 1997, Fortaleza – CE.

CARVALHO, Cartelar de – Para Compreender Saussure: Fundamentos e Visão crítica; Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz, **NUNES COSTA**, Marcos Roberto – Os Mistérios do Corpo: Uma Leitura Multidisciplinar – Recife, INSAF, 2004.

DEBRET – Jean Baptiste – Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil – Tomo I – volume I e II – 4ªed – Editora Martins – São Paulo.

DONATO – Eronides Câmara – A elaboração de eixos temáticos para o de ensino de história: notas para uma alternativa Metodológica.

DUSCHATZKY, Silvia – **SKLIAR**, Carlos – O nome dos Outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANÇA, Vera Regina Veiga (org) – Imagens do Brasil: Modos de Ver, Modos de Conviver – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FOUCAULT, Michel – A vida dos homens infames. In: O que é um autor, Lisboa, Veja, 1994.
----- - A ordem do Discurso, Leituras Filosóficas, 6ª edição, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

-----História da Sexualidade I: A vontade de saber. Edições Graal, 14ª ed. Rio de Janeiro, 1988.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos – Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge – Para qué nos sirven los extranjeros? In: Educação e Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação – Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), nº79 – 2002.

LAGE E MORAIS – História Fundamental do Brasil – Estudo Dirigido e Pesquisa, Vol: I – Editora: Bernardo Álvares S.A Belo Horizonte, 1971.

LERY, Jean de – Viagem à terra do Brasil – 4ªed. - Editora Martins - São Paulo, 1967.

MAFFESOLI, Michael. Elogio da Razão sensível – Petrópolis, R.J Vozes, 1998.

MOTA, Carlos Guilherme – José Bonifácio: Projetos para o Brasil. In: Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico, 1 / Lourenço Dantas Mota (organizador) – 3ªed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

Ó, Alarcon Agra do – Thomas Lindley: Um viajante fala de doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX.

ONFRAY, MICHEL – A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista; tradução: Mônica Stahel – São Paulo: Martins Fontes. 1999 .

PAES, José Paulo (org) - Grandes Cartas da História – Editora: Cultrix – São Paulo, 1968.

RAMINELLI, Ronald – Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa – Um discurso sobre as Ciências. Edições Afrontamento, 2ªE.d. 1988.

SILVA, Tomás Tadeu – A Produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais – Petrópolis – R.J. Vozes, 2000.

TEIXEIRA, Francisco M. P – Brasil História e Sociedade; 1ªed. Editora Ática, 2000.

Anexos

19/10/2004

Escola Estadual de Educação Infantil
Fundamental, Médis Presidente João Pessoa

Aluna: Sandriane Alves Barbosa

Profes: Vera

Série: 8ª



Redação

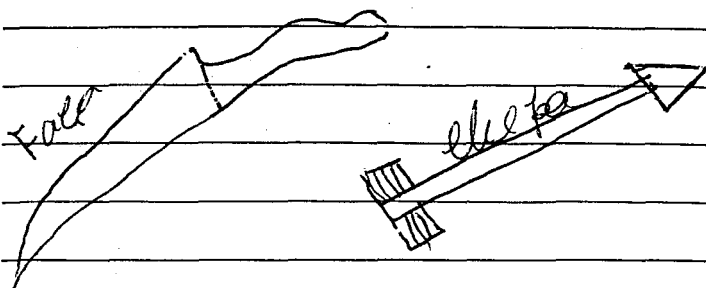
o índio

O dia do Índio se comemora
no dia 19 de Abril. Os índios vivem
na Amazônia mas tribos deles eles
Cacaim, Pucam. Eles tem um tipo que eles
chamam de canibal eles cacaim com flechas
espadadas com talão. Os índios antigamente
eles praticavam a caça sobrevivem.

E pra cobrir o corpo na de penas. Eles
também usavam brincos de madeira que
eles mesmo faziam, eles também usavam
várias coisas que eles faziam com por
exemplos as penas deles eram diferentes
das nossas, elas eram chamadas de
leas.

FIM

Estes são as armas que eles cacaim



E.E.E.S. 8º e médio "Presidente João Pessoa

Esino = SEF Sert = 8º

Professora: Vera

Aluno: Michen Felix da Silva

DIA do Índio

No dia 30 de abril, comemora o dia do Índio, foram os primeiros homens sapientísimos no Brasil.

Eles viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos e de raiz, de vegetais; os Índios não destruíam o meio ambiente como os homens de hoje, ~~de~~ Parque eles não derrubavam as árvores e queimavam, eles só derrubava as necessárias para eles fazerem as suas moradias.

Eles se vestiam com a parte de Ucuia e a parte de cima feita sem nada e na cabeça eles tinham umas penas, eles batavam e dançavam.

11

Escola Estadual de Ensino Infantil Fundamental
e Médio Presidente "João Pessoa"

Zumbuzinho 19 de Outubro de 2004

Aluna Maria Christiana da Silva série 3ª

Pedagogia sobre o dia do Índio

O dia 19 de Abril é comemorado o dia do Índio.

Os Índios eles vivem em aldeias e outros lugares como por exemplo, nas ocas comem peixes, animais etc. eles geralmente vivem da caça e da pesca, e as armas deles são o arco, a flecha, e eles tem um chefe chamado cacique que o chefe que manda em todas os Índios que vivem na tribo com os outros. Os Índios não tinham o costume de se vestir, eles se pintavam com tinta Preta e branca, amarela etc. eles costumavam com, mandioca, macachera, batata etc. Os Índios eles sofriam muito em tempo de seca eles tinham que se mudar para outros lugares que tinha mais alimentos para eles se alimentarem. Os Índios também são gentes e precisam de médico para se reicetarem quando estiver doente.

20 30 04

Gravata Estadual de Ensino Infantil e Fundamental e médio Presidente "Ezequiel" Pereira

Professora: Ana

Aluna: Kátia

Serei: 33

Redação Sobre o dia do Índio.

No dia 19 de Abril comemoramos o dia do Índio.

Os Índios tinham várias maneiras de viverem e seus modos eram, caçar, pescar com flechas e seus modos de viver eram em ocas feitos por eles mesmos e seus costumes eram viverem nus apesar de alguns tempos eles começaram a se vestir com roupas mormais e até hoje alguns deles ainda se vestem de forma correta mais tem alguns que se vestem como era tudo, no princípio.

Eles tinham um chefe para mandar e desmandar neles, e eles eram dominados como ~~os~~ os escravos mais se libertaram e vivem como gente bem falar que seu chefe cacique era bastante rigoroso e se pintavam com tintas de preferência preta, vermelhas eles também comiam mandioca, peixe, eles caçavam e tinham seus costumes eles até hoje tem quase

*

EDERSIL

111
Escola Estadual de 1ª e 2ª graus Presidente João Pessoa

Aluno Aguil Fraine

Série 8ª

O índio

O dia do índio é muito importante
Porque os índios vivem em ocas não
vivem em uma casa como nós vivemos
Eles também se alimentam da caça
e da Pesca.

- E as armas deles são a flecha, o machado
etc. também eles não tem roupas para
vestir e com eles até as crianças trabalham
e as mulheres também trabalham

As crianças não tem o direito de estudar
ficava sem estudar o tempo todo.

- O trabalho deles era também cortar muita
madeira para cozinhar.

10 de 04

Escola Estadual do ensino infantil
fundamental médio presidente
João Pessoa.

Aluna = Edilene Maria

Série = 8ª

Professora (a) Leona

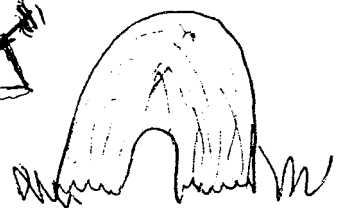
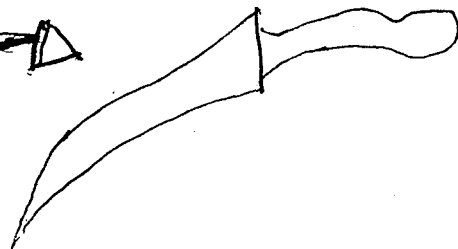
Redação



índios

Índio

no dia 13 de Abril
 — Os índios antigamente eles praticavam
 a caça a péssala, pra sobreviver.
 E pra cobrir o corpo era de
 penas; eles viviam nas ocos
 tudo reunidos. O chefe era cacique,
 ele era quem mandava na tribo.
 Os outros obedeciam tudo pra não ir
 levar, como do chefe cacique.
 ele dizia não pra a péssala e
 de pois caçar pra sobreviver
 caçavam peixes etc. Eles pintavam
 o corpo com tinta de zimento
 e dente de elefante no pescoço.



20 10 2017

Escola: estadual de educação infantil fundamen-
tal médio presidente João Pessoa.

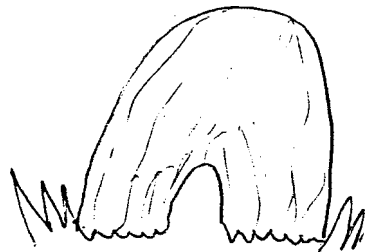
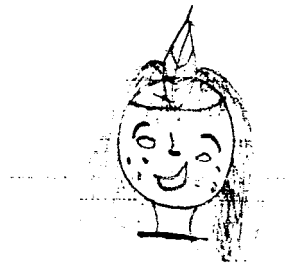
Aluna: Leonida Bezerra da Silva
Professora: Vera

Série: 8ª

Redação

O Índio

O dia do Índio se comemora
no dia 18 de Abril. Os Índios vivem
na Amazônia, nas Olan. O chefe,
era cacique ele é quem,
mandava na tribo. Os Índios pra
sobreviver eles pescam e caçam.
Eles pintam o corpo de várias
cores se cobrem de penas, eles
também usam brincos que eles
mesmo fazem



Excmo. Sr. D. F. de S. J. m. "Presidente José Pessoa"
Almas. João de Albuquerque Lisboa. S. de 8.

Relatório
Fol. sobre: Os índios

Os índios, pelos poucos conhecimentos
que tenho sobre eles, sei que, quando
Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil
pela primeira vez os índios já existiam;
eles tinham uma linguagem, e de
homens bem inteligentes, mas sem
leitura que era de arcaica e de
sustento para sua subsistência; eles tinham
uma casa e tinham, trabalhavam
para conseguir alimentos para subsistir,
eles caçavam, pescavam, trabalhavam na terra
e cultivavam frutas; mas os homens tinham
doenças e as mulheres as crianças que
culturam, e a época de hoje não é diferente
de, mas acostumaram-se a terem seus
pequenas territorialidades para viverem por que
o homem branco os limitaram a isso,
hoje eles aprendem muitas coisas úteis
para a melhoria de seu dia a dia; ainda
tem todo o seu costumes, e todo o
sociedade dele para que isso não muda
por que ainda há índios e há índios e
subsistência, índios e cultura e tradições.

Escola Estadual de Educação Infantil Funda-
mental Média Presidente João Pessoa
Aluna: Jéssica Jorana do Nascimento Série -

Redação

Tale sobre: Os índios.

Os índios foram os primeiros habita-
ntes do Brasil, o dia do Índio é Comemo-
rado no dia 19 de Abril, eles vivem em
pequenas aldeias e para sua sobrevivência
eles pescam nos rios, caçam e também
de vegetais.

Eles tinham armas, com por exemplo
flechas. Nas aldeias tinha sempre um
chefe que era chamado pajé, suas
casas eram feitas de palha, e antigar-
mente eles trabalhavam somente para
sua sobrevivência, hoje em dia eles
podem trabalhar para as outras pessoas
mostrando magnificante trabalho através
de artesanato etc.

Escola E.E.E.F.M Presidente João Pessoa.
Aluna: Ingrid Maria da Silva
Série: 8ª B.

Redação

Tale sobre o Índio

No dia 19 Abril é comemorado o dia do Índio.

Os Índios viviam em grupos chamados tribos, o chefe da tribo chama-se cacique. Eles moram em cabanas chamadas ocas, muitas ocas reunidas formam uma vila ou aldeia.

Eles gostam de caçar, pescar, colher frutas e algumas raízes para a sua alimentação, também plantam milho e mandioca. Os índios usam o arco e flecha, o tucupe e a lança como armas.

Fabricam instrumentos musicais como: chocalhos, tambores, maracás para utilizados em suas festas.

Atualmente, a população indígena no Brasil é bem pequena. Os Índios foram os primeiros ^{habitantes} do Brasil.

A Funai é uma instituição que defende os direitos dos Índios chamada (Fundação Nacional do Índio).

20 10 04

E. E. E. J. F. M. "Presidente João Pessoa".
Alunos(as) - Joelma dos S. Silva Série - 8^ª B

Redação

Fale sobre: Os índios

No dia 19 de Abril comemora-se o dia dos índios, eles vivem na floresta e residem em ocas. Existem várias tribos e tipos diferentes de índios com vários costumes e crenças. Antes dos portugueses chegarem no Brasil, os índios já habitavam em nossa terra, eles viviam praticamente nus e muitos ainda vivem.

Eles vivem da pesca, caça, vegetais e usufruem as riquezas da natureza. Eles se pintam e usam muitos acessórios pelo corpo.

O chefe da tribo se chama cacique, alguns índios comiam peixe e fazem vários rituais para alguma coisa ou para se divertirem.

20 10 04

Aluno: José Carlos Barbosa.

Escola Estadual 1.º e 2.º Grados, João Pessoa

80

Falando sobre os Índios

O dia do Índio se comemora no dia 19 de Abril; esse dia pra nós era pra ser mais importante porque eles fazem um trabalho de guerreiro, eles colocam bem calmamente, os índios eles tem bem tem sua família e alguns deles vivem em sua oca; as ocas são aquelas feitas de palha e elas todos juntinhos nós conhecemos como tribo. Eles fazem um trabalho exato mas eles não parecem muito bem com nós porque eles vestem diferente, se pintam todos são bonitos as pintas de cada deles.

Os índios gostam de comer batata, peixe, inhame, animais, raízes de árvores e etc.

É muito importante a vida dos índios pra eles fazer o fogo pra usar sua vida eles fazem o fogo com duas pedras batendo uma na outra., os índios eles fazem coisas em bússolas, eles fura o nariz, as orelhas e fazem os buracos ~~na~~ nas orelhas e enfiaram seu corpo inteiro, e as armas dos índios são lanças, pedras, flechas e etc.



Escola: _____

Aluno: Edimilson James de Oliveira

Série: 8^o

Redação Tema O índio

No dia 12 de Abril é comemorado o dia do índio que foi o primeiro habitante do Brasil, embora os livros falem que foi Pedro Álvares Cabral, mas quando ele chegou ao Brasil os índios já habitavam o Brasil, tinham suas culturas que hoje com o desenvolvimento os índios já estão se chegando à cidade e muitos nós regem mais as culturas dos seus antepassados que é muito bonita, como suas danças, suas comidas e a caça e pesca que são os meios de sobrevivência deles.

Hoje no Brasil os índios estão mais localizados no floresta Amazônica que o homem tanto destrói causando queimadas e derrubando árvores e invadindo os territórios dos índios que tanto destrói com a natureza como destrói com o território dos índios.

C. C. P. J. F. M. Meridien Te
João Pessoa
Aluno Luiz Fernando de Silva 8º

Relação sobre o índio

- Eu aprendi que no dia 19 de abril é comemorado o dia do índio.

- Eles vivem em matas onde eles

- vivem em cabanas, cavernas, eles

- vivem em grupos e os grupos são divididos.

- cada grupo tem seu chefe

- Eles se alimentam de pesca, e da caça.

- Eles caçam e pesca todos os tipos de animais que eles encontram

- As Hau Pó deles são também feitos dos caules dos animais que eles matam

Para comer

- As Hau Pó são feitos principalmente da pele da onça que é um tipo de couro mais forte e bonito.

- Os índios não pescam que vivem somente nos flodetes, naqueles tem por cima

- mas hoje eles não matam mais nem se em matas.

- muitos vivem na cidade de eles em Tardam, Mabalham, e são pescam que se iguais mais

ⓧ

E. F. E. I. F. M. PRESIDENTE JOAO PESSOA.

ALUNO - AILTON.

SÉRIE 8º

RELAÇÃO

1ª

1º

INDÍCIO

NORMALMENTE COMEÇAMOS O 1ª 1º OS
ÍNDIOS NO 1ª 13 DE ABRIL.
MUITOS TEMPO ATRAS OS ÍNDIOS VIVIAM
~~EM~~ 1ª CAÇA, 1ª PESCO E VEGETAIS E ETC.
OS SEUS INSTRUMENTOS DE CAÇA ERAM ARCOS
E FLECHAS E PARA A PESCO ERAM SAIZOS
LANÇAS.

LES COSTUMAVAM FAZER RITUAIS PARA INVOCAR
ESPIRITOS E AGRAZECER PELA CAÇA.

OS SEUS DEUSES ERAM O SOL E LUA.
ELAS CHAMAVAM COM O SOL TUPA E ALVA-
FASER.

MUITO DIFERENTES DOS ÍNDIOS DE HOJE.
ELAS TEM UMA CULTURA TOTALMENTE DIFERENTE
COMO OS DAQUELA ÉPOCA.

ELAS SEVESEM, JÁ NÃO CAÇAM, E PESCO MAIS
~~PARA~~ PARA SOBREVIVER. E TEM DEUSES COMO
SEU SALVADOR.

Escola Estadual de Educação
 Infantil Fundamental médio
 Presidente João Pessoa
 Aluno: claudiano
 série: 8:

O índio Brasileiro

O índio brasileiro é muito
 comum, eles não são, entenda-
 dos como os outros índios
 que nós vemos na tv.

Apenas com o corpo e o rosto
 com listras, a cabeça redonda
 de penas e uma tanga.

No dia 19 de abril é
 comemorado o dia do índio.
 com músicas e rituais diferentes
 dos nos tambores e flautas.
 Eles fazem a festa com danças
 e muita animação.

Para os índios não existem mudan-
 ças entre famílias, todos juntos
 saem para caçar e pescar, para ali-
 mentar toda sua tribo.

Eles vivem em casas chamadas.

o cas de barro coberto de palha
 de coco FIM...

Escola - E.E.E J.F.M. Presidente João Pessoa

Aluno(a) Marcos Vinício de Albuquerque Série: 8º B

Redação

O dia do Índio é comemorado no dia 19 de Abril os índios foram os primeiros habitantes do Brasil, e quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil eles já estavam aqui. Eles moravam em ~~em~~ bandos chamados tribos, eles moravam ~~em~~ em casas que eram feitas de palha de coco. Eles tinham rituais para invocar o espírito. Eles viviam de ~~de~~ ~~trabalho~~ ~~plantando~~ ~~uma~~ ~~milho~~, ~~mandioca~~, ~~batata~~ ~~dole~~, ~~cajuam~~ e ~~peixe~~ ~~vom~~. Eles não se vestiam, gostava de pintar o corpo. O chefe chamado de pajé era escolhido através de luta e o que vencesse era o chefe. Eles tinham armas, flecha, lança, eles não falavam nossa língua alguns ~~se~~ ~~materia~~ ~~vam~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~alimento~~ ~~eram~~ chamados de canibais.

20-10-04

Escola EEEJF M. Presidente João Pessoa
Aluno: Marcelo Severino da Silva Lima - 9º série

Redação:

O Índio

Nosso país onde sempre respeitamos os espaços dos outros, o índio, ou o indígena sempre foi mal tratado. Desde ~~de~~ que os portugueses aqui chegaram começou a exploração a ~~Tudo~~ que é índio, e como se não fosse bastante exploravam as nossas riquezas, como o pau-brasil por exemplo.

Até hoje conservamos esses atos cruéis e muitas vezes desumanos, ~~se~~ Ao em vez de proteger os costumes daqueles que deram origem ao ~~nosso~~ ~~país~~ para brasileiro. Querendo ou não trazemos em ~~Tudo~~ "nosso" range o range indígena, e como vamos maltratar o povo ~~de~~ que ~~de~~ é o nosso povo?, se fossemos um pouco mais experientes veríamos que só quando discutamos de ~~de~~ ~~de~~ mediocres ~~de~~ ~~de~~ deremos mais felizes.